

## **O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial**

Diagnostics on phenomenological-existential approach

Ariana Maria Leite Araújo

## RESUMO

O presente artigo apresenta o diagnóstico na visão fenomenológica-existencial partindo da exposição de pressupostos filosóficos tais como: fenomenologia, existencialismo e filosofia dialógica de Martin Buber. Através de autores como Yontef, Buber, Moreira, dentre outros, procurou-se demonstrar que se fazer um diagnóstico não é enquadrar um sujeito dentro de uma categorização já estabelecida, mas, ao contrário, o diagnóstico vai sendo construído a partir do discurso do sujeito, da forma como ele se percebe e percebe o mundo.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Existencialismo; Filosofia dialógica; Diagnóstico.

---

## ABSTRACT

This article presents the diagnostics on the vision phenomenological-existential exposure of philosophical assumptions such as: Phenomenology, Existentialism, and philosophy dialógica Martin Buber. By authors such as Yontef, Buber, Moreira, among others, have tried to demonstrate that making a diagnostics is not tallied a subject within a categorization already established, but instead, the diagnostics will being constructed from the speech of the subject, as it realizes and sees the world.

**Keywords:** Phenomenology; Existentialism; Philosophy dialógica; Diagnostics.

---

## INTRODUÇÃO

Alguns questionamentos ainda surgem quando se fala sobre o diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial. Podemos trabalhar com o diagnóstico? A resposta a esta pergunta é sim, porém, o trabalho é feito de uma forma diferente. Não rotulamos o nosso cliente e a partir daí tratamos a patologia. Mas ao contrário, reconhecemos o cliente com tal patologia e trataremos do cliente, da forma como ele se percebe enquanto “doente”, de como ele lida com a sua patologia.

Segundo Yontef (1998a), para a psicanálise clássica, o diagnóstico se tornava o ponto focal da atenção do terapeuta e a principal fonte de suas interpretações. O contato com o cliente parecia não ter muita importância. O terapeuta era visto como a autoridade que detinha o poder e sendo assim, era ele quem dizia qual o problema, as causas e o tratamento a ser seguido pelo cliente. Assim, depois de categorizado em uma determinada patologia, tratava-se da doença e não do cliente.

Yontef (1998b) afirma que “o diagnóstico fazia parte do sistema hierárquico vertical, no qual o diálogo e a experiência imediata factual do paciente se subordinavam à teoria, ao diagnóstico e à autoridade” (p. 273).

O movimento humanístico e existencial veio se contrapor a essa abordagem enfatizando a importância da singularidade do indivíduo, o relacionamento do terapeuta com o cliente, o aqui e agora, a criatividade, dentre outros. No movimento humanístico-existencial, o cliente e o terapeuta trabalham em conjunto, como iguais, pois o conhecimento emerge do contato dialógico.

Há uma relação de horizontalidade onde os dois, tanto o terapeuta quanto o cliente têm importância ao longo do processo psicoterápico, embora o foco da terapia esteja no cliente.

O objetivo do presente artigo é discutir como se dá o diagnóstico dentro da visão fenomenológico-existencial partindo de uma breve apresentação de alguns fundamentos filosóficos como a fenomenologia, existencialismo e filosofia dialógica de Martin Buber até o ponto de interesse deste trabalho que é a discussão do diagnóstico na visão fenomenológico-existencial.

## FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

Iniciamos nossa fundamentação filosófica com a fenomenologia. A fenomenologia é a ciência que procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta por si mesmo. Ela tem a intenção de abordá-lo, interrogá-lo, procurando descrevê-lo e tentando captar sua essência. Ela estuda o fenômeno tal qual ele se apresenta a consciência. O método fenomenológico consiste numa descrição sistemática dos fenômenos até chegar a sua essência, ao ponto final e irreduzível da percepção.

Ao falar sobre a fenomenologia, Husserl, seu fundador, descreve os instrumentos metodológicos que contribuíram para o pensamento psicológico que são: a redução fenomenológica e o princípio da intencionalidade.

A redução fenomenológica consiste em colocar entre parênteses a realidade tal como a concebe o senso comum. Ela tem como objetivo chegar ao fenômeno. A redução fenomenológica é um modo peculiar de prestar atenção, de ir ao fenômeno. É uma abertura consciente e ativa de nós mesmos ao fenômeno enquanto fenômeno. Neste aspecto, os discursos, as opiniões, os juízos ou preconceitos referentes a um fenômeno se colocam de lado, para então poder interrogá-lo.

Dentro desta visão, o psicólogo não tenta enquadrar o cliente em categorizações, pois acredita-se que a vivência da pessoa é a sua própria explicação.

O princípio da intencionalidade diz que a consciência é sempre consciência de algo. O objeto não é em si, mas, objeto para uma consciência. Há uma correlação entre objeto e consciência.

A fenomenologia foi de grande importância para a construção do pensamento psicológico no que diz respeito à relação, à descrição do fenômeno, sendo este fenômeno um sentimento, pensamento, fala ou outra coisa, mas fazendo parte de uma totalidade que é o ser humano.

É através da relação terapeuta – cliente que este último se coloca como fenômeno para ser observado e ao mesmo tempo se observar. Para que o fenômeno se apresente é necessário se fazer uma redução fenomenológica onde o terapeuta, no momento da sessão, deverá colocar entre parênteses todos os seus “pré-conceitos” e ouvir o cliente da forma como ele se apresenta sem rotulá-lo, sem colocá-lo dentro de um diagnóstico que já está pronto. É sentir como o cliente, é ver como o cliente, é entrar em seu mundo para perceber da mesma forma como ele percebe, mas sair sem se misturar as suas sensações e percepções.

Reduzir ao fenômeno é fazer com que o cliente entre em contato com a sua experiência, do como ele está se sentindo. É um processo de conscientização. É a partir dessa descrição que se chega ao fenômeno.

Com relação ao princípio da intencionalidade, a consciência é que dá significado às coisas. A forma como o cliente percebe uma determinada situação não quer dizer que aquela seja a essência da situação, mas sim a forma como ele está percebendo, como está dando significado. Sendo assim, o cliente poderá dar novos significados às experiências que para ele são negativas, chegando assim a um equilíbrio interno.

Por intermédio da intencionalidade, a experiência vincula o homem ao mundo. É a ponte de comunicação entre eles. É a maneira pela qual cada um deles tem presença um para o outro. É por conta da intencionalidade da consciência que os significados de uma mesma experiência são diferentes para os diversos sujeitos, ou seja, para as diversas consciências. Dois sujeitos podem passar

por uma mesma experiência e esta ser traumática para um e para o outro ser simples. O que vai dar este significado é a consciência.

Ao se utilizar do método fenomenológico, o psicólogo busca compreender o homem, não esquecendo, no entanto, sua essência, tentando captar o sujeito em seu original.

Faz-se necessário abordarmos aqui a filosofia existencial para que fique clara a visão de homem. A forma como o cliente é percebido pelo terapeuta dentro de uma abordagem humanista.

Para o existencialismo a existência precede a essência, ou seja, primeiro se existe para só depois ser alguma coisa. O homem é que se constitui, é que se faz a partir do que vive e da sua relação com o mundo. Ele nasce “nada” e vai se acrescentando.

O existencialismo também fala sobre a liberdade. Para ele o homem é livre para fazer suas escolhas. O homem está sempre escolhendo e até mesmo no momento em que ele não escolhe nada, ele já está fazendo uma escolha.

É a partir destas escolhas que ele vai se constituindo, que vai escrevendo a sua história. Sendo o homem livre para escolher, ele acaba se tornando responsável pela sua existência.

Para os existencialistas o homem é responsável por tudo o que faz. Sendo assim, não existe uma natureza determinada e imutável, mas pelo contrário, é a partir da liberdade que ele tem para fazer escolhas que ele está sempre mudando, se constituindo. O homem, portanto, cria o próprio mundo na razão em que lhe dá significados.

O homem aqui é visto como um ser particular com vontade e liberdade pessoais, consciente e responsável.

Heidegger afirma que “só o homem existe, enquanto modo característico de estar no mundo, ao passo que as coisas simplesmente são”. Acredito que esta sua afirmação diz respeito ao fato de que as coisas têm uma essência imutável, por isso que elas são. Já o homem é mutável. Ele faz escolhas a partir de seus sentimentos, entendimentos, ele reflete sobre si, por isso que ele não só é, mas existe. E essa existência faz parte de um projeto.

Projeto é um conceito fundamental do existencialismo. O homem é um projeto de si próprio porque ele está sempre se refazendo e é por conta desse constante movimento de mudança, de se construir a cada dia que podemos afirmar que o homem é uma existência. Ele é aquilo que ele projeta ser, aquilo que ele decide ser.

Como terapeutas, não podemos dizer ao cliente o que é bom ou mau, pois o valor das coisas varia de sujeito para sujeito. Isso tudo por conta da individualidade. Essa individualidade é básica para o existencialismo.

O homem não é como uma semente que já vem determinada. De uma semente de jasmim não poderá nascer uma roseira, somente um pé de jasmim. Já o

homem pode se fazer bom ou mau, feliz ou triste... Ele é um ser individual, único. Por mais que existam outros parecidos, jamais serão idênticos. Seus pensamentos, suas emoções, suas vivências são únicas.

É tarefa do terapeuta levar o cliente a tomar consciência do seu projeto, do que ele está fazendo e do como se está fazendo. Que ele encontre o seu potencial transformador. É colocar o cliente a todo o instante diante de si mesmo, se observando como sujeito responsável pelas suas escolhas.

Antes de chegarmos ao ponto central deste trabalho, que é o diagnóstico dentro de uma visão fenomenológica-existencial, discutiremos um pouco a respeito da relação tendo como embasamento teórico a filosofia dialógica de Martin Buber.

Estabelecer o diagnóstico para a fenomenologia-existencial é identificar em que ponto de sua existência o sujeito se encontra e que significados ele atribui a si e ao mundo.

O homem é um ser em relação e é por conta dessa relação com outros seres que ele existe, que ele se constitui. Para Buber (2001a) existem duas formas do homem se relacionar, ou seja, duas atitudes frente ao mundo que são as atitudes EU-TU e EU-ISSO. Buber (2001b) diz que “a atitude é um ato essencial ou ontológico em virtude da palavra proferida. Cada atitude é atualizada por uma das palavras-princípio, EU-TU ou EU-ISSO. A palavra-princípio, uma vez proferida, fundamenta um modo de existir” (p. 32).

A palavra-princípio EU dessas duas atitudes são diferentes. A palavra-princípio EU-TU fundamenta o mundo da relação. Na relação EU-TU a pessoa é um fim em si mesma. No processo psicoterápico a relação EU-TU acontece quando o terapeuta reconhece o seu cliente como ser único e compartilha junto com ele da sua experiência. E o cliente se sente ouvido e compreendido pelo terapeuta. Nesta atitude há um grande interesse na pessoa com quem estamos, interagindo verdadeiramente como pessoa.

Não existe um EU independente de um TU. Estas duas palavras só existem na relação. O EU só se torna EU em virtude do TU assim como também o TU só se torna TU em virtude do EU. Buber (2001c) afirma que “nem meu TU é idêntico ao EU do outro nem seu TU é idêntico ao meu EU” (p. 34).

Para Buber (2001d), a realidade humana é compreendida através do prisma do “dialógico”. É através do diálogo que se pode estabelecer um vínculo entre a experiência vivida e a reflexão, entre o pensamento e a ação. Na relação EU-TU, o EU é determinado pela presença do outro que está em sua presença como TU. Esta relação é essencialmente recíproca.

Buber (2001e) distingue quatro aspectos essenciais e indispensáveis a qualquer relação EU-TU. São eles: reciprocidade, presença, imediatez e a responsabilidade.

A responsabilidade indica a existência de uma dupla ação mútua entre os parceiros da relação e é nessa reciprocidade que o EU e o TU se presentificam. A presença é justamente o momento, o instante, a reciprocidade.

Além disso, durante o encontro a relação é imediata, direta, sem nenhum esquema conceitual ou ideias prévias. Por se tratar de uma ação recíproca, esta relação é também responsabilidade. É no tornar-se presente e na confirmação do outro em sua alteridade que reside a responsabilidade do diálogo.

Já a relação EU-ISSO ocorre quando a outra pessoa é essencialmente um “objeto” para nós. Ele é um meio para se atingir um fim e não é reconhecido como outro em sua alteridade. EU-ISSO é proferido pelo EU como sujeito de experiência e utilização de alguma coisa. O EU de EU-ISSO usa a palavra para conhecer o mundo e este mundo é o objeto de uso de sua experiência.

Falando desta forma destes dois tipos de atitudes, podemos imaginar que deveríamos viver apenas na atitude EU-TU, porém, a atitude EU-ISSO não é negativa. Ela também é necessária na relação já que o EU-TU não pode ser mantido pra sempre. O problema é quando o sujeito se cristaliza apenas nesta relação.

Buber (2001f) afirma que “em si o EU-ISSO não é um mal; ele se torna fonte de mal, na medida em que o homem deixa subjugar-se por esta atitude” (p. 37).

As duas atitudes, EU-TU e EU-ISSO são autênticas. É importante se ressaltar também que nem sempre o TU significa uma pessoa. Pode ser a natureza, Deus... E nem sempre o ISSO tem significado de coisa, objeto. O TU da relação sempre se transforma no ISSO, menos na relação com Deus pois Ele é um TU eterno e jamais poderá ser transformado num ISSO.

Para que surja o diálogo autêntico é necessário que tanto o cliente quanto o terapeuta veja o outro como ele é. Assim, na relação terapêutica, o que conta não é o método a ser aplicado, mas sim, o terapeuta de um lado e o cliente de outro se apresentando face a face como unicidade. Devem-se deixar de lado todos os conceitos, métodos e tipologias e tornar-se presente no encontro. Este tornar-se presente é a própria confirmação mútua no momento dialógico.

## **O DIAGNÓSTICO NA VISÃO FENOMENOLOGICO-EXISTENCIAL:**

Depois de percorrermos os principais conceitos filosóficos que serviram como embasamento teórico para esta discussão chegamos ao ponto central deste trabalho. Como se faz o diagnóstico dentro de uma visão fenomenológico-existencial?

Segundo Yontef (1998c), o diagnóstico se faz totalmente contrário ao modelo médico e psicanalítico clássico, que colocava as pessoas em categorias e as reduzia a entidades doentes.

Nesta abordagem, o diagnóstico se faz a partir do sujeito, ou seja, ele não está pronto esperando apenas que o sujeito seja encaixado nele, mas sim, ele vai se constituindo a partir da história de vida deste.

O cliente deve ser olhado de forma única, singular, sendo respeitada a sua totalidade. Não se pode, portanto, ser avaliado já dentro de padrões estabelecidos, pois ele é antes de tudo uma pessoa que sofre, que precisa ser ouvida e compreendida a partir dos seus próprios sentimentos, emoções, do que ela fala, do que vivencia.

Angerami (1984, apud TENÓRIO, 2003) afirma que “o existencialismo, em sua exuberância, mostra que a existência é um contínuo vir a ser, um sempre ainda não, com a possibilidade de um poder ser. Desse modo, é totalmente inaceitável a rotulação do ser humano, aprisionando-o dentro de determinadas categorias diagnósticas” (p. 41).

O cliente deve ser tratado como um todo, um inteiro para que sua integridade emerja no encontro pessoa-a-pessoa, dando um relacionamento horizontal ao invés de vertical, num trabalho em conjunto entre o paciente e o terapeuta, onde a autoridade não esteja depositada no terapeuta e nem na teoria e sim na experiência vivida que emergiria do diálogo entre terapeuta e cliente.

Sendo assim, segundo Moreira (1987) “o diagnóstico não trata, portanto, da rotulação do indivíduo inserindo-o em uma determinada categoria de doença mental, mas de tentar identificar em que ponto de sua existência a pessoa se encontra e que significado ela atribui a si e ao mundo”. (p. 263).

Encontramos também em Tenório (2003):

“A pessoa, no processo diagnóstico, deve ser apreendida como sendo um fenômeno único e, como tal, respeitada em sua totalidade: não deve portanto ser avaliada segundo normas e padrões de comportamentos preestabelecidos, numa total revelia a sua própria existência. Seu nível de crescimento ou de maturidade deve ser dimensionado por meio dos projetos de vida por ela própria idealizados e de acordo com seu próprio mundo e contexto existencial” (p. 41).

Na relação terapêutica os sintomas presentes no cliente não devem ser o foco da psicoterapia. O terapeuta deve, numa atitude fenomenológico-existencial, colocar entre parênteses todo seu conhecimento teórico acerca de uma tal patologia e olhar para o cliente da forma em que ele se apresenta, pois é através da intersubjetividade que será alcançada uma compreensão objetiva da realidade do cliente.

Assim, podemos afirmar que o diagnóstico deve ser feito com reconhecimento da estrutura do todo e como qualquer forma de significado ele é construído do que emerge do contato entre terapeuta e cliente. Um processo de respeito onde categorização e avaliação são partes indispensáveis do processo desde que realizado de forma respeitosa bem-ponderada e com awareness completa. Uma boa descrição diagnóstica não é apenas uma categorização, mas traz informação facilitando a compreensão da estrutura psicológica do cliente, fazendo com que o terapeuta não fique apenas no diagnóstico em si e na melhor teoria para aplicá-lo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

MOREIRA, Virginia. **O enfoque centrado na pessoa no tratamento de um caso de esquizofrenia**. In: III ENCONTRO LATINO DE ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA, 1986, Sapucaí Mirim. Anais... Brasília: UNB, 1987, p. 261-281.

TENÓRIO, Carlene Maria Dias. **A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológico-existencial**. Universitas ciências da saúde, Brasília, v.1, n.1, p. 31-44, 2003.

YONTEF, G. **Processo, diálogo e awareness**. São Paulo: Summus, 1998.

## Endereço para Correspondência

Ariana Maria Leite Araújo

E-mail: [arianaleitee@bol.com.br](mailto:arianaleitee@bol.com.br)

Recebido em: 18/04/2010

Aprovado em: 03/11/2010